

LUCIA PIZZANI

Guardianas y Serpientes

GALERIA
MARILIA
RAZUK

texto Camila Bechelany

Invocando os arquétipos da guardiã e da serpente, o primeiro projeto de Lucia Pizzani no Brasil constrói-se como um espaço liminar entre o mundo físico e o mundo imaterial. A exposição desenvolve-se a partir de uma pesquisa realizada durante um período de residência em Ilhabela, no litoral de São Paulo onde a artista permaneceu em contato direto com a paisagem da Mata Atlântica local, ampliando sua investigação sobre as relações entre corpo, território e memória. Incorporando ao processo de trabalho materiais vegetais coletados localmente, ela pôde expandir suas referências, adensando sua pesquisa sobre os ciclos da vida e a interdependência entre os seres humanos e não humanos. Mais do que representar a natureza, Pizzani trabalha a partir dela, compreendendo-a como uma entidade viva, dotada de memória e capaz de produzir conhecimento.

Essa imersão na paisagem, que a artista utiliza como método de trabalho, encontra ressonância em uma prática que atravessa toda a sua trajetória. Com formação em Biologia da Conservação e tendo atuado durante anos em organizações ambientais na Venezuela, Pizzani desenvolveu uma compreensão ecológica que ultrapassa a separação entre natureza e cultura. Em seus projetos, a artista procura criar situações em que o visitante possa reencontrar essa conexão primordial, entendendo a arte como um espaço capaz de reativar sensibilidades ecológicas e afetivas. A matéria vegetal e a mineral passam a constituir não apenas o substrato das obras, mas também seus agentes narrativos.

Nesse contexto, Pizzani produziu esculturas e pinturas que investiram, mais especificamente, as ideias de metamorfose e proteção associadas ao feminino. A serpente, uma das figuras centrais deste projeto se corporifica nas pinturas, como aparições de espíritos camuflados sob a vegetação, confundindo-se com ela. A serpente é uma simbologia antiga, presente em diferentes culturas ancestrais expressando a renovação e a continuidade da vida. Sua capacidade de trocar periodicamente de pele faz com que seja associada ao tempo cíclico da natureza. O bastão de Asclépio, emblema da medicina, muito difundido no Ocidente, representa um cajado com uma serpente enrolada, simbolizando a sabedoria e a cura. Por outro lado, a imagem do *ouroboros*, a serpente que morde a própria cauda, sintetiza a ideia do infinito e da unidade entre fim e começo.

É precisamente essa dimensão da metamorfose que atravessa a pesquisa de Lucia Pizzani e que ela compreende como uma condição compartilhada entre todas as formas de vida. Casulos, sementes, peles, membranas e raízes aparecem recorrentemente em sua produção como imagens de processos contínuos de tornar-se. Em entrevista recente, Pizzani afirma que os casulos remetem à ideia de *becoming*, de metamorfose, enquanto a pele representa, simultaneamente, proteção, vulnerabilidade e possibilidade de regeneração.

A noção de proteção também se manifesta nas esculturas modeladas em argila. Como sentinelas que guardam a floresta, elas carregam impressões de plantas coletadas, estabelecendo uma continuidade física entre o ambiente e o corpo escultórico. Para Pizzani, cada tipo de argila carrega uma identidade própria,

revelando características específicas do lugar de onde é retirada. Trabalhar com diferentes terras significa incorporar as histórias inscritas em cada território.

Essa compreensão da matéria aproxima-se de perspectivas contemporâneas da filosofia e da antropologia que recusam a separação moderna entre sujeito e objeto. Alguns autores como Tim Ingold propõem compreender os materiais como processos vivos, continuamente transformados pelas relações que estabelecem com humanos e não humanos. Também ecoam nesses trabalhos, o pensamento de Donna Haraway, para quem viver implica reconhecer formas de existência radicalmente interdependentes.

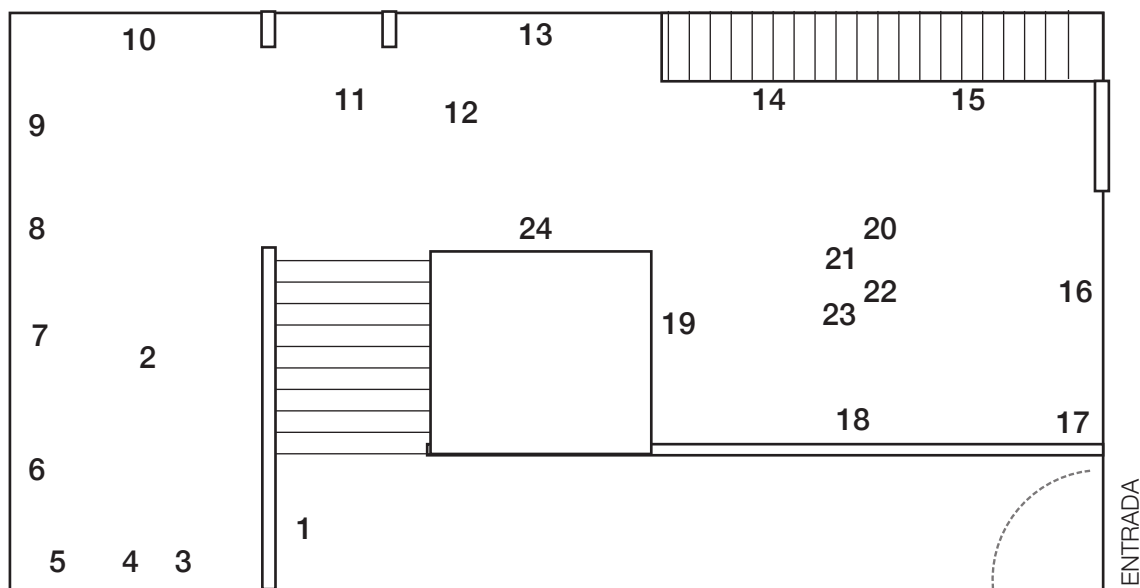
Por outro lado, a experiência do deslocamento possui especial relevância no trabalho de Pizzani, cuja trajetória é marcada, desde a infância, por constantes movimentos entre o Norte global e a Venezuela, seu país de origem. Talvez por isso mesmo, o meio ambiente seja, para ela, tanto uma fonte de inspiração quanto um laboratório do qual extrai os materiais para sua produção. O mundo vegetal constitui, assim, um lugar seguro onde a artista reconhece fragmentos de sua própria história por meio da história da humanidade.

Um exemplo marcante disso é o uso que Pizzani faz do milho, alimento de profunda ancestralidade na Venezuela e em diversos países da América Latina. Há alguns anos, ela utiliza o milho como elemento escultórico, seja pela reprodução da própria planta, seja pelo uso da espiga para produzir impressões na argila, criando superfícies texturizadas. Nas obras *Maíz Alto* e *Maíz Navio* de 2026, a artista faz referência ao mito da criação maia, segundo o qual os deuses moldaram primeiro um homem de barro e, depois, um homem de milho, feito à sua imagem e semelhança. As obras compreendem o milho e o barro como elementos simbólicos e os utilizam para retornar à ideia da origem da vida e, consequentemente, às configurações ideológicas e culturais que a constituem.

Ao comentar sua pesquisa recente, Pizzani observa que, apesar das diferenças culturais e históricas, continuamos mobilizados pelas mesmas perguntas fundamentais que acompanharam nossos ancestrais há milhares de anos. A recorrência de símbolos como a serpente pode evidenciar essa continuidade e revelar estruturas simbólicas compartilhadas, conectando diferentes sociedades por meio de questões relacionadas à temporalidade e ao pertencimento. A artista afirma interessar-se por "aquilo que nos conecta, independentemente de onde estamos", reconhecendo na migração uma condição constitutiva da experiência humana.

No espaço expositivo, povoado por plantas e imagens híbridas, Lucia Pizzani não busca reconstruir narrativas mitológicas específicas, mas ativar um campo sensível onde memórias ancestrais e experiências presentes se tornam inseparáveis. A exposição convida à reconexão com formas de conhecimento que antecedem a separação entre natureza e cultura, entre humano e não humano. Nesse território de coexistências, a figura da guardiã deixa de proteger apenas um espaço físico para tornar-se símbolo da própria possibilidade de preservar vínculos entre espécies, territórios e histórias ainda por vir.

MAPA DA EXPOSIÇÃO



1. *Dama atlântica*, 2026
Argila vermelha de alta temperatura
31 x 30 x 15 cm

2. *Ser de Palma*, 2025
Argila vermelha de alta temperatura e bronze
57 x 22 x 22 cm

3. *Espiritus helecho-cuaimas #1*, 2026
Acrílica sobre papel
84 x 59 cm

4. *Espiritus helecho-cuaimas #2*, 2026
Acrílica sobre papel
84 x 59 cm

5. *Espiritus helecho-cuaimas #3*, 2026
Acrílica sobre papel
84 x 59 cm

6. *Cuiama Bosque*, 2026
Acrílica e argila negra de alta temperatura sobre linho
150 x 110 x 4 cm

7. *Inspirál Roja*, 2026
Acrílica sobre linho
150 x 100 x 11 cm

8. *Cadena*, 2026
Argila vermelha de alta temperatura
140 x 14 x 7 cm

9. *Sabana Roja*, 2026
Acrílica sobre linho
150 x 110 cm

10. *Conchas Totem*, 2025
Acrílica sobre tela
180 x 164 cm

11. *Bromelia Raices, da série Flora Totem*, 2026
Pintura em Terracota
150 x 48 x 48 cm

12. *Cactus Ramales da série Flora Totem*, 2026
Pintura em Terracota
150 x 48 x 48 cm

13. *Centro*, 2026
Acrílica e argila negra de alta temperatura sobre linho

14. *Máscara Deidad*, 2022
Argila negra de alta temperatura
92 x 24 x 24 cm

15. *Conchas en Rama*, 2025
Acrílica sobre tela
180 x 164 cm

16. *Aparición*, 2026
Acrílica e argila negra de alta temperatura sobre linho
206 x 216 cm

17. *Dama Tabachin*, 2024
Argila negra de alta temperatura
92 x 24 x 24 cm

18. *Bosque Culebra*, 2026
Acrílica sobre linho
180 x 164 cm

19. *Espiritus helecho-cuaimas #4*, 2026
Acrílica sobre papel
84 x 59 cm

20. *Dama Tabachin*, 2024
Argila negra em alta temperatura
92 x 24 x 24 cm

21. *Roja Tabachín*, 2026
Argila vermelha de alta temperatura e vaina de tabachin de bronze
28 x 20 x 20 cm

22. *Maiz navio*, 2026
Argila negra de alta temperatura e bronze
24 x 28 x 14 cm

23. *Maiz alto*, 2026
Argila negra de alta temperatura e milho de bronze
27 x 21 x 16 cm

24. *Yute*, 2026
Argila negra de alta temperatura sobre juta
40 x 154 x 1 cm